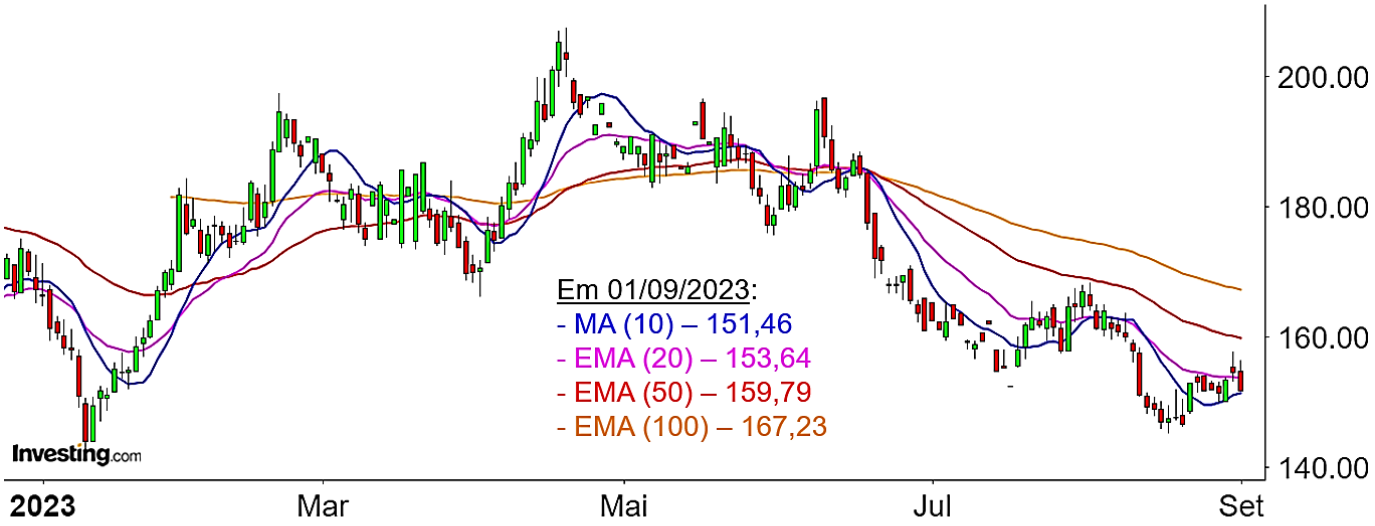
O principal fator de reversão da tendência atual.. Difícil acontecer?

No mês de agosto/2023, as cotações do Arábica, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), logo em seu primeiro dia, fecharam em 164,40 cents/lb, alcançando níveis acima de 167,00 cents/lb em seu segundo dia de negociações, para depois, afundar em níveis inferiores a 150,00 cents/lb e encerrar o mês em 154,50 cents/lb, portanto, um mês baixista para o café Arábica. Em relação ao café Robusta, na Ice Futures Europe (Bolsa de Londres), o mês de agosto/2023 iniciou-se com fechamento em USD 2.494,00/ton logo em seu primeiro dia, para depois alcançar níveis superiores a USD 2.500,00/ton e, então, ceder a níveis próximos de USD 2.350,00/ton, encerrando o mês em USD 2.489,00/ton, portanto, um mês que, apesar dos altos e baixos, se encerrou próximo da estabilidade evidenciando a consistência dos preços para os Robustas. Os motivos destes movimentos nas principais Bolsas de Café do mundo com algumas possibilidades futuras, a seguir...

Análise Gráfica – Café Contrato C – ICE Futures US – Janeiro a Agosto de 2023



Fonte de dados: Investing.br — Análise Técnica: Fundação Procafé

Fechamentos - Mês de Agosto/2023

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R$/sc)	R$ 870,00	R$ 930,00	R$ 900,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R$/sc)	R$ 800,00	R$ 850,00	R$ 830,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R$/sc)	R$ 670,00	R$ 725,00	R$ 705,00
Café Conilon, B/C, tipo 7 (R$/sc)	R$ 610,00	R$ 630,00	R$ 620,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	149,10	166,35	154,50
Bolsa SP - [B]³ - tipo 4/5 (USD/saca)*	180,00	199,25	188,00
Bolsa Londres - ICE Europe - Conilon (USD/ton)**	2.363,00	2.532,00	2.489,00
Câmbio - PTAX - USD/R$	R$ 4,7752	R$ 4,9847	R$ 4,9219

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.
*Contrato/Vencimento: Dezembro/2023 **Contrato/Vencimento: Novembro/2023

FATORES DE SUSTENAÇÃO (ALTA)

Atualmente, os fundamentos seguem baixistas. Mas afinal, até quando? Basicamente, um dos poucos, se não o único fator que ainda pode reverter esta tendência negativa é um surto climático, não somente no Brasil, mas de um modo especial em qualquer uma das oito maiores origens de café do mundo. Do contrário, café tende a seguir oscilando, de modo não tão intenso, dentro do intervalo que já se encontra, de 145,00 cents/lp a 160,00 cents/lp (ICE Futures US), totalmente suscetível ao cenário macroeconômico, ao câmbio e ao andamento das exportações que vêm para consolidar as estimativas de safra do ciclo 2023/24, podendo inclusive, ter o suporte rompido caso a safra global para o próximo ciclo (2024/25) se consolide como a grande maioria dos players de mercado ainda esperam. E este surto climático?? É difícil acontecer? Frente ao cenário de mudanças climáticas que o mundo vem vivenciando, diria que, as chances não são remotas, ainda mais considerando o começo de ocorrência do El Niño, fenômeno meteorológico que não ocorre há quatro anos e que pode afetar a produção em importantes origens. No Brasil, apesar de modelos climáticos americanos e europeus indicarem chuvas acima da média para o mês de setembro em importantes regiões cafeeiras, é preciso seguir acompanhando a situação com cautela, pois além das elevadas temperaturas, o retorno antecipado das chuvas em determinadas regiões cafeeiras do país ocasionou uma abertura precoce de diversas floradas, o que pode ser desfavorável para uma produção uniforme e volumosa. Com o risco climático relacionado ao El Niño no radar, surgem preocupações em relação à oferta não somente do Brasil, que aliás, por ora não é tão preocupante quanto em outras origens tal como na Ásia, onde importantes origens, tais como Vietnã e Indonésia, já apresentam apreensão com o risco da escassez de chuva. De acordo com a analista de inteligência de mercado da Hedgepoint Global Markets, Natália Gandolphi, de um modo geral, quando ocorrem os eventos de El Niño, há uma redução média de 5% na produção de arábica no mundo, o que equivale atualmente a algo em torno de 8,5 milhões de sacas. Todavia, é importante ter muita cautela e não cravar o martelo, ainda é cedo para se afirmar algo neste sentido, sendo esta apenas uma possibilidade que a cada dia se torna menos remota. Além disso, mesmo que o El Niño já tenha se iniciado, é necessário aguardar para ver como o mesmo vai se estabelecer e o que, de fato, ocasionará nos padrões de chuvas e temperaturas do mundo.

No mês de agosto, sinais positivos da economia brasileira atenuaram a pressão baixista para as cotações do café. Dados apontam uma melhora de importantes indicadores. A inflação no acumulado de 12 meses caiu para o menor patamar de quase 3 anos, o desemprego caiu para 8%, sendo essa a menor taxa para o mesmo período desde o ano 2014. Com isso, a nota de crédito do Brasil foi elevada por duas da principais agências internacionais de classificação de risco, a Fitch e a DBRS, que citaram como justificativa, os avanços na reforma tributária, a votação do arcabouço fiscal e um desempenho macroeconômico e fiscal melhor do que a expectativa anterior. Ainda, de acordo com o IBGE, o resultado positivo para o primeiro semestre do ano se baseia no bom desempenho da indústria (0,9%) e dos serviços (0,6%), pelo lado da oferta. Já no lado da demanda, investimentos (0,1%), consumo das famílias (0,9%) e consumo do governo (0,7%) também tiveram desempenho positivo. O Relatório de Mercado Focus, do Banco Central do Brasil, elevou a expectativa de crescimento do PIB de um mês atrás que era 2,26% para 2,56%. O relatório também aponta a projeção do câmbio em R$ 4,98 e da taxa Selic em 11,75% para o final do ano.

Apesar do incremento de 18,7% nas exportações do primeiro mês da safra 2023/24 (julho) em

relação ao mesmo mês do ano passado, de acordo com o Cecafé, o volume dos embarques totais de café do Brasil seguem negativos no acumulado do ano e isso se deve a dois fatos: a menor disponibilidade do produto, após duas safras menores em 2021 e 2022 e a alta taxa de juros que inibe a formação e o carrego de estoques por parte dos compradores. De janeiro ao fim de julho de 2023, o país remeteu 19,222 milhões de sacas, uma performance que na comparação com o mesmo período do ano passado, representa queda de 14,7%. Já na outra ponta, a vendedora, a queda acentuada nos preços do mercado físico, que vem sendo reforçada pelo estreitamento do diferencial de base de Nova Iorque para Santos, segue inibindo muitos produtores de entregar seus cafés. Para os próximos meses, essa restrição na oferta deve acabar sendo fator de sustentação contra perdas maiores uma vez que o inverno no hemisfério norte começa a se aproximar e com ele, o pico do consumo em importantes países consumidores também se aproxima. Diante o atual cenário, tudo leva a crer que, com a disponibilidade de estoques remanescentes em nível crítico devido à necessidade de uso perante a escassez dos últimos anos, daqui em diante, a ponta compradora, deve ter que começar a atuar mais forte para suprir as necessidades da indústria frente a esse quadro que, ironicamente, faz até lembrar o conhecido sistema Just in Time, que busca a precisão da cadeia de produção, ajustando a compra dos insumos de acordo com o nível de demanda, o que evita a formação de estoques e que, certamente, não é o ideal para o setor da indústria de café.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

Logo no início do mês de agosto, após atingir níveis superiores a 167,00 cents/lp, as cotações do Arábica, sem força para manter a leve recuperação ocorrida ao final do mês de julho deu início a uma correção técnica, estimulada principalmente pela alta do dólar que, frente ao Real, saiu de níveis inferiores a R$ 4,75 para níveis superiores a R$ 4,90, levando as cotações do Arábica na Bolsa de Nova Iorque a se aproximarem das mínimas do ano, quando em janeiro/2023, foi negociado abaixo de 145,00 cents/lp. Todavia, há de se ressaltar que o câmbio no mês de janeiro/2023 oscilava entre o intervalo de R$ 5,10 a R$ 5,45, com a saca de 60 quilos (bebida dura, tipo 6/7) sendo negociada entre R$ 900,00 a R$ 1.100,00 no mercado físico.

Sem muitas surpresas e dentro do previsto, a evolução da safra brasileira de 2023 aliada a um clima, até então favorável para a safra de 2024 seguem pressionando as cotações na Bolsa de Nova Iorque e afastando cada vez mais o sentimento de aperto na oferta que vinha tomando conta dos players de mercado. Elucidando ainda mais esta percepção: o spread do café na Bolsa de Nova Iorque retornou ao padrão normal, com vencimentos mais longos mais valorizados do que os vencimentos mais curtos, o que reforça a percepção do mercado de alívio na escassez de curto prazo vista nos últimos anos frente às intempéries climáticas que as principais origens do mundo, incluindo o Brasil, enfrentaram.

Após a intensa queda assistida no primeiro semestre do ano de 2023, os preços do Arábica no mercado físico já retornaram para a média dos últimos cinco anos, dando indícios de que as perdas maiores devem já estar próximas do fim. O mercado já precificou a safra 2023 e daqui em diante pode ser que sofra apenas pequenos ajustes relacionados a esta safra na medida em que o fluxo de exportações for consumando as estimativas de produção. A grande questão é que os olhares já começam a se voltar para o potencial da safra brasileira de 2024 e, muito embora, a

safra brasileira de 2024 não apresente o mesmo potencial da safra recorde de 2020, se o clima seguir contribuindo, ela deve ser maior do que a safra das três safras anteriores. Apesar dos dados recentes do Departamento de Agricultura dos EUA apontarem que a relação estoque/consumo para o ciclo 2023/2024 deve permanecer praticamente igual à do ciclo anterior, saindo de 18,77% para 18,68% (uma leve redução inclusive), os leves incrementos da safra 2021 para 2022 e de 2022 para 2023, pressionaram as cotações fortemente, o que pode ser uma evidência de que, mesmo longe de alcançar o potencial de 2020, a safra brasileira de 2024, sendo maior do que a dos últimos três anos, pode exercer ainda alguma pressão sobre as cotações do Arábica, mas de menor intensidade até mesmo pelo fato de que, atrelados aos leves incrementos da safras anteriores mencionadas, havia a segurança de estoques remanescentes, realidade que agora é diferente.

Segundo o Cecafé, o Brasil exportou 2,991 milhões de sacas de 60 kg de café em julho deste ano, primeiro mês da safra 2023/24, volume que implica crescimento de 18,7% em relação aos 2,521 milhões registrados no mesmo período antecedente, com destaque para os Canephoras (Conilon e Robusta) cujos diferenciais competitivos frente ao mercado global associados à boa disponibilidade brasileira de oferta, levaram as exportações da referida espécie a um salto substancial de 245,4% no mês de julho deste ano ante julho de 2022, indo para 505.153 sacas, o melhor desempenho para um único mês desde setembro de 2020. De acordo com o presidente da entidade, Márcio Ferreira, "*vivemos uma janela de oportunidade aos cafés Conilons e Robustas brasileiros diante das elevadas cotações do mesmo produto, principalmente do Vietnã e Indonésia. Tanto que essas nações asiáticas elevaram suas importações dos nossos cafés em 382,9% e 52,1%, respectivamente, no acumulado deste ano até julho*".

Por ora, o mercado já começa a voltar os olhares para a consolidação da safra de 2024, que muito depende do índice de chuva dos próximos meses para se firmar como uma boa safra. E, enquanto novidades fundamentais de maior intensidade não surgem, o mercado de café tende a ficar totalmente suscetível ao cenário financeiro e ao câmbio. Neste aspecto, no mês de agosto, os principais destaques foram:

- China: A economia da China segue no radar e, apesar das declarações do Presidente chinês, Xi Jinping, que segue defendendo a "*forte resiliência, o enorme potencial e a grande vitalidade* da economia chinesa", nos últimos seis meses, notícias como desaceleração da economia, baixo índice de investimento estrangeiro e de exportações, desemprego recorde entre os jovens, além da moeda desvalorizada e os problemas econômicos de seu mercado imobiliário que, até então, representava um terço de toda a riqueza do país, seguem levando investidores à aversão ao risco, o que pressiona as cotações do cafés. No mês de agosto, a queda na demanda de serviços, a contração da atividade industrial e das vendas de varejo seguiram pressionando a economia chinesa que já anunciou uma série de medidas de estímulo para reacender o crescimento econômico. Vale frisar que, as notícias da economia chinesa mencionadas aqui exerceram forte pressão sobre as cotações do café no mês de agosto, sobretudo, nas três primeiras semanas do mês.

- EUA: Em meado do mês de agosto, enquanto uma parte dos dirigentes do FED (Banco Central Norte Americano) indicou a possibilidade de mais aperto monetário em caso de persistência de alta da inflação, outros ressalvaram a necessidade de refletir mais sobre os riscos de um aperto monetário mais intenso. Já na última semana do mês, após alguns indicadores positivos da economia norte americana, o Presidente do FED, Jerome Powell, acabou jogando um balde de

água fria no mercado financeiro ao se manifestar deixando claro que o crescimento sólido da economia norte americana, pode requerer novas altas para as taxas de juros dos EUA. De acordo com Powell, o FED está preparado para aumentar novamente os juros se apropriado for e pretende manter a política em um nível restritivo até que a meta de inflação de 2% seja alcançada. Neste contexto, dados positivos da economia norte americana, tais como mercado de trabalho aquecido, crescimento da economia e queda da inflação, que deveriam ser positivos para os ativos de risco, tal como o café, acabam se tornando fatores de risco uma vez que, segundo Powell, podem justificar um maior aperto da política monetária.

- Zona do Euro: No mês de agosto, perspectivas inflacionárias e dados do setor da indústria e do setor de serviços da economia da Zona do Euro ficaram abaixo da expectativa do mercado financeiro, dando sinais de fraqueza do bloco econômico europeu. A atividade no setor de serviços do bloco apresentou queda pela primeira vez no ano. E, apesar de alguns sinais de recuperação nas fábricas, a retração na atividade industrial seguiu. De um modo geral, o levantamento mensal da Comissão Europeia que mede o índice de sentimento econômico da zona do euro recuou de 94,5 em julho a 93,3 em agosto, frustrando as perspectivas de analistas que previam 94,0. Já o índice de confiança do consumidor na região da moeda comum caiu de -15,1 em julho para -16,0 em agosto. Contudo, neste caso, o resultado veio em linha com a expectativa dos analistas.

- Brasil: Conforme descrito acima, em fatores de sustentação, notícia positivas sobre a economia brasileira, acabaram servindo como fator positivo para as cotações. Contudo, ainda há grandes desafios para que a economia brasileira mantenha um crescimento consistente. A alta taxa de juros como exemplo: se por um lado colabora para retrair a inflação, por outro, afeta o consumo e, respectivamente a atividade econômica do país. Ao fim do mês de julho, o Brasil foi favorecido pela primeira redução da Selic, em três anos. Apesar disso, o Brasil segue como o país com o maior juro real (juros menos inflação) do mundo. Desta forma, apesar da melhoria em alguns indicadores no primeiro semestre e até mesmo na elevação da projeção do PIB para este ano, é importante ter em mente que a nova projeção do PIB, de 2,56%, ainda é menor do que os 2,9% de 2022. Portanto, extrema cautela quando o assunto é consistência e recuperação da economia brasileira.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

“Conforme prevê o USDA, a relação estoque/consumo global do ciclo 2022/23 para 2023/24, não deve ter acréscimo, pelo contrário, deve apresentar uma leve queda em função do crescimento da demanda. Com isso, no atual cenário, já sem a segurança dos estoques de recomposição, caso as cotações apresentem novas quedas, estas devem ser limitadas e qualquer surto climático para a safra global do ciclo 2024/25 pode gerar uma reverão de tendência imediata e até mesmo intensa. Apesar do mercado seguir baixista, é preciso considerar que há alguns indícios de que um dos poucos fatores de reversão altista da atual curva de preços pode se concretizar com a chegada do El Niño. Todavia, tenham em mente que, sobre o clima, somente previsões, nada de certezas. Tanto é que, conforme exposto na presente Síntese do Mercado, apesar do El Niño já ter se iniciado, é necessário aguardar para ver como o mesmo vai se estabelecer e o que, de fato, ocasionará nos padrões de chuvas e temperaturas do mundo. Em outros termos, é cedo para se

afirmar algo neste sentido, sendo esta, apenas uma possibilidade ainda remota, mas que a cada dia está menos distante. Por isso, agora mais do que nunca, não é momento de se afobar e jogar todas as cartas em apenas uma jogada. Não assumam 100% do risco dos preços, façam a gestão desse risco diluindo-o. Façam médias considerando sempre alguns princípios básicos tais como necessidades de fluxo de caixa, custo de produção, inflação e, no atual momento, o preço do dinheiro supervalorizado. Com foco em margem e não em preços, minimizem o risco de prejuízo deixando, se possível, algo disponível para potencializar a rentabilidade em caso de mudanças no cenário. A demanda segue crescente, os riscos climáticos cada vez mais constantes, o que, apesar de não extinguir, deve encurtar os ciclos de preços baixos. Pensem nisso para montarem suas estratégias..”

Varginha, 05 de setembro de 2023.

Analista: João Marcelo Oliveira de Aguiar.
Superintendente Executivo - Fundação Procafé